

Organização popular e subjetividade: costurando sentidos com a juventude de uma comunidade de Fundo de Pasto

Popular organization and subjectivity: sewing meanings with the youth of a community of Fundo de Pasto

Organización popular y subjetividad: cosiendo sentidos con la juventud de una comunidad de Fondo de Pasto

Recebido: 24/04/2020 | Revisado: 06/05/2020 | Aceito: 11/05/2020 | Publicado: 18/05/2020

Sonha Maria Coelho de Aquino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2166-9454>

Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE), Brasil

E-mail: sonha.mca@gmail.com

Erika Hofling Epiphania

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3412-2220>

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Brasil

E-mail: erikapsicoesporte@yahoo.com.br

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender a construção de sentidos dos jovens no processo de organização popular em uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto. O acesso à experiência ocorreu por meio de observação participante com registro em diário de campo. A análise dos dados seguiu o caminho fenomenológico: a) sintonizar com o todo do vivido; b) encontrar os elementos experienciais; e c) realizar uma síntese da experiência. A partir desse percurso, identificou-se que os sentidos emergidos estão fortemente direcionados a um sentimento de pertencimento à terra e valores de coletividade, levando a compreensão de um jeito de ser no mundo, silenciado e ameaçado. Aponta-se que é na interação dialética entre as subjetividades e as questões sociais que ocorre a potencialização da organização popular, levando os jovens a maior envolvimento crítico consigo e com sua realidade. Diante disso, fica o desafio, a provocação e a possibilidade de uma atuação da psicologia que problematize e questione as estruturas que violentam as subjetividades dos povos.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; Juventude; Organização popular; Subjetividade, Psicologia.

Abstract

The study had like objective understand of meanings of young people in the process of popular organization in a traditional community of Fundo de Pasto. The experience access occurred through participant observation with register in the field diary. The analyze of the dices followed way phenomenological: a) syntonizing the lived whole; b) meeting the experiential elements of this whole; and c) Perform a synthesis of the experience. From that path, it was identified that the emerged senses are strongly directed to a feeling of belonging to the land and collectivity values, leading to the comprehension of a way of being in the world, muted and threatened. It is pointed out that it is in dialectical interaction between subjectivities and social questions that the potentiation of popular organization occurs, leading young people to greater critical involvement with themselves and their reality. Given this, there is the challenge, the provocation and the possibility of a psychology performance that problematizes and questions the structures that violate peoples subjectivities.

Keywords: Traditional communities; Youth; Popular organization; Subjectivity; Psychology.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo comprender la construcción de sentidos de los jóvenes en el proceso de organización popular en una comunidad tradicional de Fondo de Pasto. El acceso a la experiencia fue a partir de la observación participante y registro en diario de campo. El análisis de los datos siguió el camino fenomenológico: a) sintonizar con el todo de lo vivido; b) encontrar los elementos experienciales; y c) realizar una síntesis de la experiencia. A partir de ese recorrido, se identificó que los sentidos emergidos están fuertemente dirigidos a un sentimiento de pertenencia a la tierra y valores de colectividad, llevando a la comprensión de una manera de ser en el mundo, silenciado y amenazado. Se apunta que es en la interacción dialéctica entre las subjetividades y las cuestiones sociales que ocurre la potencialización de la organización popular, llevando los jóvenes a la mayor implicación crítica consigo y con su realidad. Así pues, consigue el desafío, la provocación y la posibilidad de una actuación de la psicología que problematize y cuestione las estructuras que violan las subjetividades de los pueblos.

Palabras clave: Comunidades tradicionales; juventud; Organización popular; Subjetividad; Psicología.

1. Introdução

Os povos e comunidades tradicionais (PCT) vêm enfrentando ao longo da história uma constante luta pela sobrevivência e resistência dos seus modos de vida. As conquistas alcançadas nesse transcurso se dão a partir de um contínuo processo de organização popular, um imperativo para continuarem a existir frente a inúmeras ameaças e violações de direitos sociais e humanos a que estão submetidos.

A compreensão de organização popular perpassa o reconhecimento das desigualdades socioeconômicas e violações de direitos, decorrentes de ações em virtude do próprio Estado, bem como por grupos sociais, como fazendeiros, empresários entre outros (Wedig, 2016). Nesse sentido, Peloso (2012) explicita a organização popular como o processo que conduz a força popular para alcançar constantemente os interesses do coletivo. O que ocorre na luta contínua pelos direitos historicamente negados, que se inicia no processo de reflexão coletiva com fins de emancipação, esta sendo compreendida como a libertação do povo diante das opressões, tornando-os conscientes e construtores de sua própria história (Souza, 2006).

Em 2007, foi instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, identificando-os como:

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto 6.040, 2007, art. 2º, inciso II).

Dentro desse conjunto de grupos reconhecidos como povos e comunidades tradicionais, nosso trabalho volta-se especificamente para a experiência em um contexto de uma comunidade de fundo de pasto. Os fundos de pasto são constituídos como territórios tradicionais que se configuram: pelos modos de posse e uso comum de uma área de terra para criação de animais, especialmente caprinos e ovinos; pela agricultura de subsistência realizada em roças cercadas e individuais; por formar uma comunidade, geralmente de origem familiar comum (Marques, 2016). Próprio da cultura e formação social sertaneja, os fundos de pasto são hoje específicos da Bahia. São 373 comunidades de fundo e fecho de pasto autoidentificadas e certificadas junto a Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI, 2018). No entanto, a comunidade em que foi realizado esse trabalho não possui ainda essa certificação pelo Estado.

Compreendendo as problemáticas que envolvem os povos e comunidades tradicionais na atualidade, assistimos ao aumento de 26% da violência no capoe de 2015 para 2016, a maior em 31 anos, conforme relatório anual da Comissão de Pastoral da Terra (CPT, 2016). Em 2017, foram 70 assassinatos em decorrência dos conflitos no campo, onde a Bahia é o terceiro estado mais conflitivo do Brasil, sendo que as maiores vítimas são as comunidades tradicionais, principalmente as que ainda não possuem território regularizado (CPT, 2017). Entre 1985 a 2017, a CPT registrou 1.438 casos de conflitos no campo que resultaram em assassinatos, sendo que apenas 8% foram a julgamento (CPT, 2017).

Mesmo em um contexto de aumento da violência no campo e de ameaças de perda de direitos, observa-se uma alteração na dinâmica do êxodo da juventude rural nos últimos anos. Embora a saída do jovem do campo seja ainda significativa, 1 milhão entre os anos de 2000 a 2010, têm-se observado na atualidade um movimento de desaceleração desse processo ou até mesmo de inversão, os jovens têm se movimentado em busca da permanência no campo, observando-se até mesmo o retorno daqueles que haviam saído (Castro, 2016).

A responsabilidade de preservar e dar continuidade aos modos de vida e organização das comunidades é dilema diante da ausência de políticas públicas para o campo (Rabelo, Oliveira & Feliciano, 2014). É um processo permeado por muitos desafios para sua autonomia, diante das dificuldades ainda existentes de acesso à educação, à renda e à sua própria terra, uma vez que vivem em territórios dos seus pais, além da invisibilidade da juventude nos espaços políticos de decisão nas instâncias organizativas do meio rural (Castro, 2009). Contudo, a escolha de permanência se dá a partir da forte ligação que esses jovens estabelecem com o território camponês, sendo essencial a organização popular para lutar e construir melhores condições de vida no campo e/ou no trabalho com a terra (Borba & Vinha, 2015).

Nesse cenário, a juventude surge como potenciais atores desse processo de organização popular e luta por direitos. Castro (2009) traz que especialmente a partir dos anos 2000 tem-se acompanhado uma efervescência nos espaços rurais da participação dos jovens na formação e atualização das políticas públicas. Assim, essa investigação partiu da problemática dos sentidos que têm para os jovens de uma comunidade de Fundo de Pasto, o processo de organização popular e como estes sentidos orientam sua participação social.

Nessa perspectiva, olhando para o contexto dos povos e comunidades tradicionais, estimativas realizadas apontam que seus povos chegam a quase 5 milhões de famílias, totalizando 25 milhões de pessoas que ocupam $\frac{1}{4}$ do território nacional (Almeida, 2008). Embora uma parcela significativa da sociedade, boa parte dos PCT encontra-se com pouca visibilidade na sociedade possivelmente: intimidados pelos grandes grupos econômicos e

fazendeiros e vitimados por processos de coerções, preconceitos e exclusão social. A invisibilidade de sua existência e resistência constitui-se alicerçada no silenciamento de sua história e modos de vida, a cultura do silêncio, conceituada por Freire (2007) como: a negação às massas do direito a fala, negando-se a palavra e com ela a própria condição humana e seu direito de ser.

A psicologia bem como boa parte de outras áreas do conhecimento por muito tempo contribuíram para esse processo de silenciamento, pouco ou nada se debruçando sobre esse contexto da realidade brasileira. Este cenário começou a mudar lentamente nas últimas décadas. Hoje já acompanhamos um crescimento na produção de estudos, bem como na atuação voltada para esses cenários, porém em um alcance ainda muito aquém das necessidades.

No início de sua história, a psicologia via e tratava a pessoa como dissociada da dimensão política da sociedade (Rocha & Santos, 2015). Com uma atuação restrita a espaços de consultórios, organizações e ambiente escolar. Na década de 1960, o contexto político e social brasileiro, bem como o latino-americano, de extrema pobreza, exclusão social, marginalização, repressão política e cultural ao tempo de reascensão dos movimentos sociais convocou a psicologia a repensar suas práticas e a envolver-se nas questões políticas e sociais do país, como se dava com outras áreas das ciências sociais e humanas (Freitas, 2007). Exigiu-se a renúncia da zona de conforto em que se encontrava a psicologia diante do modelo tradicional de produção do conhecimento e de atuação profissional, de forma a expandir sua atuação a uma atuação ética e política, especialmente em contextos de vulnerabilidades de direitos, como acontece com os povos e comunidades tradicionais.

Com isso, há ainda um desconhecimento ou invisibilidade das possibilidades de atuação e pesquisa do profissional de psicologia em contextos populares, como com os povos e comunidades tradicionais recorrentes de seu processo histórico, porém que cada vez mais vem sendo convocada a ocupar esses espaços a partir de um posicionamento crítico, considerando o contexto histórico e socioeconômico que incide sobre as subjetividades dos seus povos (Rocha & Santos, 2015).

Assim, a realização dessa pesquisa fundamenta-se na busca por contribuir para ampliação dos trabalhos já realizados em contextos que envolvam os PCTs, buscando, sobretudo, dar visibilidade às demandas dessas comunidades, bem como apontamentos a partir de uma experiência prática, das possibilidades e da relevância de atuação da psicologia dentro desses contextos.

Ainda concebe-se que a construção desse trabalho é um entrelaçar de sentidos e significados individuais e sociais. Individuais, pois o interesse em pensar e construir uma psicologia em contextos rurais é um convocar da própria história da pesquisadora, um compromisso com as suas origens na zona rural. Sociais, porque além do já elencado, parte de um projeto para construção de uma psicologia popular (Amatuzzi, 2008), comprometida com um agir ético e político voltado para as classes populares.

Contudo, como afirma *Ibid* (2008) não se trata de se inserir nesses contextos para pensar uma psicologia para esses povos das camadas populares, é necessário pensar uma psicologia com esses povos, de forma participativa, considerando a realidade que vivenciam. Nessa mesma perspectiva, Martín-Baró (1996) propôs uma psicologia comprometida com seus povos no sentido de intervir nos seus processos subjetivos, a partir de uma prática profissional voltada para a conscientização dos povos, ou seja, que promova o conhecimento crítico sobre si e sua realidade, apontando, pois, o não acesso desse conhecimento crítico do contexto e de si como causas que colaboram para sustentação das opressões que sofrem.

Ao voltar-nos para a inserção e contribuição da psicologia dentro de contextos rurais, o que é bem recente, o Conselho Federal de Psicologia lançou em 2013 as Referências Técnicas para Atuação das (os) Psicólogas(os) em Questões Relativas à Terra, trazendo a necessidade, sobretudo, de uma inserção na comunidade voltada para a produção dialética entre questões objetivas e subjetivas, uma atuação que vise compreender o significado de território para a formação da subjetividade, bem como voltada ao exercício de autonomia e emancipação de comunidades e grupos camponeses (Goffman, 2013). Assim, o desvelar dos sentidos e significados para os sujeitos é chave para compreensão e atuação nessa realidade.

Uma vez que a pessoa busca significado para tudo que vivencia, para todas as suas experiências, sejam de trabalho, de amor ou mesmo de sofrimento, é esta busca de significado que o movimenta na vida (Frankl, 1985). Assim, a centralidade da compreensão da pessoa e dos seus processos está nesse seu movimento em busca de sentido.

Amattuzi (2008) corrobora que para a compreensão do humano é necessário um debruçar-se sobre as questões de sentidos, uma vez que estes são constitutivos de sua subjetividade, sendo que a decifração desses sentidos se dá pelo movimento de significação presente, ou seja, na sua própria vivência. O autor ainda esclarece que a subjetividade é a dimensão mais íntima e profunda da experiência, é a consciência de si e dos seus processos, o que implica envolvimento crítico com a realidade (*Ibid*, 2006). Assim, “ser consciente pressupõe a exclusiva capacidade humana de elevar-se sobre si, de julgar e avaliar as próprias ações e a própria realidade em termos morais e éticos” (Frankl, 2013, p. 28).

Descrivendo os pilares de sua concepção sobre o humano (a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida), *Ibid* (2013, 2015) entende que o homem não é um ser livre para todas as possibilidades da vida, mas é livre para escolher sua atitude diante das circunstâncias que a sua vida lhe possibilita; o que impulsiona o homem na vida não é a vontade de prazer ou vontade de poder, mas sim a vontade de sentido; é movimentando-se nessa busca que a pessoa transcende a si mesma, sendo que os sentidos são constitutivos da vida, logo não podem ser criados, apenas descobertos.

Segundo os pressupostos de Frankl (1985, 2013, 2015) há três caminhos para encontrar o sentido, os valores criativos, os valores vivenciais e os valores atitudinais. O primeiro está na realização de uma ação, tarefa ou criação, o segundo em contemplar, experimentar algo ou encontrar alguém, e o terceiro em mesmo diante de uma circunstância de sofrimento ou adversidades crescer para além de si mesma.

Rey (2007) considera que os sentidos expressam a capacidade da pessoa humana de expressar-se de forma singular na vida mesmo que vivenciando situações ditas semelhantes a outras pessoas e por isso trata-se de um conceito base para estudo da subjetividade. Nessa mesma perspectiva, Frankl (2013) considera a unicidade do sentido, trazendo que a compreensão dos significados difere de pessoa para pessoa e até mesmo de tempo e lugar.

É importante considerar, contudo, que embora haja a singularidade, uma compreensão dos sentidos isolada da compreensão de mundo em que as pessoas estão inseridas seria incompleta. É nesse movimento que *Ibid* (1985, 2013, 2015) distinguiu três caminhos universais para descoberta do sentido, e um pressuposto fundamental comum, a autotranscendência que só se constitui na relação, voltando-se para fora de si.

Boff (2011) traz que a pessoa não existe, co-existe, distinguindo dois modos distintos de se estruturar e de se realizar no mundo, o modo-de-ser-trabalho e o modo-de-ser-cuidado. No primeiro, a consequência é o produto, a coisificação das pessoas e da natureza, numa relação estabelecida com base no utilitarismo e domínio. A segunda se estabelece na atitude fundamental de envolvimento com o outro ou com a natureza, quando a pessoa sai de si e volta-se para o mundo com desvelo e solicitude. O autor ainda esclarece que o cuidado não diverge do trabalho, no modo-de-ser-cuidado um complementa o outro, o que diferencia é o modo como a relação é estabelecida, de sujeito-objeto (modo-de-ser-trabalho) para sujeito-sujeito (modo-de-ser-cuidado). O modo-de-ser-trabalho leva ao des-envolvimento, enquanto que o modo de ser-cuidado pressupõe envolvimento.

Cavalcante & Aquino (2010) fazem uma aproximação entre o processo da transcendência do homem, postulado por Viktor Frankl e da educação libertadora de Paulo

Freire. Os autores trazem que a transcendência é o que liberta o homem dos seus determinismos sociais e psíquicos, tornando-o consciente de si e do mundo, já Freire traz a educação libertadora como processo para tomada de consciência e prática da liberdade. E é quando o humano adquire consciência que ele pode transformar a si mesmo e o seu contexto. Assim, o processo de reflexão dos sentidos que envolvem o sujeito é também processo de tomada de consciência de si, movimentando-o em direção a libertação das opressões que o cercam, o que se dá na história a partir do processo de organização popular.

Embora o fazer psicológico centralize-se nas questões subjetivas, estas não se opõe a uma compreensão social, pelo contrário, relacionam-se dialeticamente, o que exige o reconhecimento do contexto social como constitutivo da subjetividade (Martín-Baró, 1996). Frente a isso, esse trabalho parte da interação dialética entre subjetividade e o contexto social, tendo como objetivo compreender a construção de sentidos dos jovens no processo de organização popular em uma comunidade tradicional de Fundo de Pasto.

2. Trajetória Metodológica

As pesquisas são formas importantes de se trazer saberes novos para a sociedade como preconizam Pereira, Shitsuka, Parreira e Shitsuka (2018) e para tanto torna-se importante e necessária o emprego de metodologias que permitam a reprodutibilidade dos experimentos. A construção metodológica do presente trabalho constituiu-se a partir da busca por realizar uma experiência popular de pesquisa em psicologia, conforme convocação de AmatuZZi (2008). O autor traz que tal posicionamento implica de um lado superar a dissociação entre a pesquisa e a prática, sendo necessário que o pesquisador se reconheça como parte da realidade em investigação. Assim, a presente pesquisa teve como campo de estudo o próprio espaço de prática da pesquisadora e seu problema de pesquisa surgiu a partir de questões da própria prática, frente a demandas de lideranças da comunidade para envolvimento dos jovens nos espaços de organização popular. Por outro lado, implica também em uma experiência voltada para o crescimento ou emancipação dos sujeitos envolvidos.

O presente trabalho delinea-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e base fenomenológica. Pesce & Abreu (2013) trazem a pesquisa qualitativa como uma forma de investigar os aspectos subjetivos da realidade, permitindo considerar a própria experiência do pesquisador dentro do processo de investigação. Dentro desse contexto, AmatuZZi (2008) coloca a pesquisa fenomenológica centrada no vivido, este sendo compreendido como nossa resposta subjetiva imediata aquilo que nos acontece, antes da racionalização da experiência. E

embora haja várias bases de investigação fenomenológica, elas têm em comum o foco na descrição e compreensão da experiência vivida. Aqui o próprio pesquisador é também participante da pesquisa, uma vez que a construção do conhecimento se dará no encontro entre as intersubjetividades dos envolvidos (*Ibidem*, 2013).

A pesquisa foi construída em uma comunidade de Fundo de Pasto do município de Casa Nova-BA, com 15 participantes que compõem um grupo de jovens da comunidade, sendo 5 meninas e 10 meninos entre 14 e 30 anos. A experiência relatada refere-se ao período de um ano, entre março de 2017 e fevereiro de 2018.

O acesso às experiências vividas ocorreu a partir da imersão na própria realidade em pesquisa por meio da observação participante, sendo esta uma imersão onde o pesquisador interage com os participantes e o contexto em que vivem, atuando como parte desse contexto (Fernandes & Moreira, 2013). O registro das observações se deu por meio de um diário de campo, no qual se buscam colher elementos gerais sobre a experiência dos jovens no processo de organização popular, bem como da própria experiência da pesquisadora em campo.

Dentre as atividades cotidianas dos jovens, a experiência central de observação foram os encontros mensais que acontecem na associação da comunidade e que são facilitados pela pesquisadora enquanto atividade do estágio.

Propondo-se a uma análise fenomenológica, buscou-se com esta pesquisa apreender os significados das vivências para os participantes. Fez-se uso da estrutura de análise fenomenológica a qual segue três passos de análise, conforme apresentação de AmatuZZi (1996): a) uma sintonização com o todo do vivido; b) um encontro dos elementos experienciais; e, c) uma síntese ou articulação final.

Dessa forma, primeiramente entrou-se em contato com os dados, fazendo uma leitura sistemática e integralização dos registros nos diários de campo, chegando-se a uma compreensão global da experiência; depois, realizou-se a sistematização da experiência vivida, buscando, como trazem Mendes, Pezzato & Sacardo (2016), aquilo que no processo e encontro com o outro nos tocava, nos desafiava, nos incomodava e nos interrogava. Por fim, a síntese final da experiência e articulação com a teoria, apresentada sobre a forma da narrativa descritiva.

O trabalho apresentado seguiu os dispostos da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que dispõe sobre os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, apresentando anuência da instituição e consentimento livre esclarecido dos participantes e/ou responsáveis. Foi aprovado pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisa da UNIVASF, sob CAEE N° 78693617.0.0000.5196.

3. Entre os Trilhos da Pesquisa e as Trilhas da Imersão

Transpor a vivência para a narrativa é o processo base para elaboração de compreensões sobre o fenômeno em investigação. Eis, contudo, a tarefa mais árdua e maior desafio sentido por esse trabalho, pois enquanto o fazer científico nos direcionava a um modelo padronizado, a prática e o encontro intersubjetivo nos levavam a estar em movimento. E como captar e sistematizar o movimento? Permitindo que ele seja. E é dessa forma que se apresenta o que se viu, sentiu e compreendeu sobre aquilo que se viu e sentiu. Assim, o que se narra a seguir são apenas resultados e discussões de uma síntese da experiência e seus significados para os sujeitos da investigação, pesquisadoras e participantes, pois a síntese não dá conta da totalidade do vivido, do tocado, do sentido, do provocado. Dessa forma, como traz AmatuZZi (1996), trata-se de uma resposta da pesquisadora e sua subjetividade. Uma resposta a encontros. Encontro com a terra, com a história, com a cultura, com projetos e sentidos de vida e, sobretudo, encontro com o outro e sua subjetividade.

Inicialmente, apresenta-se a narrativa geral da experiência no tópico “A trajetória das imersões”, caracterizando os momentos da inserção no campo e seus objetivos. Logo após, apresentou-se os elementos experienciais registrados, a partir de uma síntese e discussão com o aporte teórico, dispostos no tópico “Os encontros e as costuras de sentidos com a juventude”. É importante destacar que as falas dos jovens foram registradas imediatamente ao dito e serão sinalizadas com a indicação da letra “J”, seguida de numeração para distinção dos participantes (Exemplo: J1, J2, J3...). A sequência seguirá a ordem das falas apresentadas.

3.1 A trajetória das imersões

A entrada no campo se deu por meio do estágio profissionalizante em psicologia dentro da Comissão de Pastoral da Terra (CPT). A instituição, presente hoje em quase todos os estados do país, realiza acompanhamento de comunidades do campo, da floresta e das águas. Volta-se para um trabalho educativo, de formação integral e continuada, como também de organização das comunidades de forma que elas conquistem direitos (território, água, produção sustentável) e assim permaneçam em seus territórios.

A comunidade na qual foi realizada a prática/pesquisa existe há mais de 100 anos. Faz parte de um Fundo de Pasto que está dividido em quatro comunidades e conta com algo em torno de 336 famílias (CPT, 2016). As famílias conseguem viver da própria terra, tendo como base da economia a agricultura de subsistência, criação de animais (ovinos, caprinos e

bovinos), pesca e apicultura. A história da comunidade é marcada por muitos conflitos de terra e violência agrária, sendo que em 2009, uma das lideranças camponesas foi assassinada em decorrência de tais conflitos. Um território de constantes grilagens, que se iniciaram no final da década de 1970, com a construção da barragem de Sobradinho. Fatos que compõe as estatísticas da violência no campo (CPT, 2009, 2016).

Quanto às especificidades dos participantes, a juventude, os espaços de organização popular que estes participam na comunidade são os encontros do grupo de jovens, reuniões mensais da Associação de Fundo de Pasto e da Associação de Pequenos Agricultores, assembleias e formações da CPT. Tem-se também os espaços religiosos, terços, missas, São Gonçalo, novena, festa da padroeira ou ainda de lazer, o futebol e as festas na comunidade.

Os encontros do grupo de jovens aconteceram mensalmente a partir de temáticas e atividades indicadas como interesse dos próprios participantes. Foram realizados na sede da Associação de Pequenos Produtores. A atividade fez parte das atividades de estágio da pesquisadora dentro da CPT, inclusive na função de facilitadora dos espaços.

Foram sete imersões no campo. A primeira se deu na assembleia mensal da Associação de Fundo de Pasto, onde as quatro comunidades do território se reúnem para discussões e encaminhamentos de suas demandas. Foi uma oportunidade de conhecer o território e quando se realizou uma conversa com alguns jovens para consultá-los sobre o interesse em participarem de encontros periódicos de formação. A proposta surgiu quando algumas lideranças da comunidade estavam apontando a necessidade de que a juventude tivesse um acompanhamento mais sistemático em decorrência da pouca participação dos jovens nos espaços organizativos, visualizando a importância do envolvimento deles para sustentabilidade da luta em defesa do território.

A segunda imersão e, primeiro encontro do grupo de jovens aconteceu no terreiro da casa de uma das lideranças da comunidade. Como metodologia, dinâmicas de apresentação e integração, além de técnica de expressão com papel e canetas e lápis sobre os sonhos de cada um/uma. Sendo realizado levantamento de interesse para formação do grupo.

A partir da terceira imersão os encontros do grupo passaram a acontecer na sede da Associação de Pequenos Produtores da comunidade. No terceiro encontro, trabalhou-se em torno da identidade individual de cada um/uma e sua construção a partir da identidade coletiva da comunidade. Em pequenos grupos, os jovens elencaram elementos da memória cultural da comunidade (modos de vida, tradições, cultura etc) e apresentaram uma síntese criativa. Teve quadrilhas, poemas e cirandas.

Na quarta imersão houve um intercâmbio com jovens do município de Remanso, estes os quais vieram visitar a comunidade. Houve a troca de saberes e integração em oficinas de criatividade (crochê e esportes- futebol) e cada um dos grupos elegeu os coordenadores para articulação de tarefas e atividades.

Na quinta imersão, a temática trabalhada foi agroecologia. Discutiui-se sobre a relação com a terra em uma roda de conversa, sob a mediação de uma estudante de ciências biológicas. Foi realizada também a dinâmica do corredor do cuidado, quando se forma um túnel com todos os presentes e cada um passa pelo túnel, recebendo cuidado do grupo.

A sexta imersão foi por meio da participação em reunião que aconteceu entre a CPT, UNASF- União das Associações de Fundo de Pasto de Casa Nova, SASOP- Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais e coordenadoras dos grupos de Jovens da comunidade e de uma comunidade vizinha. O objetivo foi planejarem atividades integradas voltadas para a juventude entre as instituições que realizam trabalhos nas comunidades, CPT e SASOP. Uma semana depois, tivemos a última inserção, sendo realizado encontro do grupo de jovens, objetivando que a coordenação repassasse aos demais os encaminhamentos da reunião ocorrida na semana anterior. Na segunda parte do encontro, foram realizadas dinâmicas de integração e expressão sobre confiança no grupo e construção de árvore com os sonhos individuais e coletivos dos jovens.

3.2 Os encontros e as costuras de sentidos com a juventude

As primeiras imersões foram acompanhadas de frustrações diante dos novos desafios: *“E agora, Maria? Preparei-me para atuar com jovens. Chego lá, tem crianças, jovens, adultos e idosos”* (Diário de campo da 2ª inserção). Percebe-se que o enrijecimento técnico levou a paralisação diante da constituição de um território aberto. A imersão inicial foi de se encontrar ao se perder das seguranças e manuais. Nesse sentido, Mendes et al. (2016) apontam sobre as dificuldades e possibilidades de erro na experiência, quando não nos dispomos à abertura ao novo, ao inesperado, imprevisível e incontrolável.

Foi necessário também reconhecer as singularidades do contexto. Ouvir antes de pronunciar. Ver antes de agir. Sentir antes de envolver-se. A fala a seguir exemplifica o reconhecimento dessa necessidade: *“Iniciei errando. Levando tapas na cara. Achando que por ser camponesa nossas realidades eram as mesmas. Aí vou lá e no meio de uma dinâmica, para exemplificar, falei de Power Rangers para jovens que nunca haviam assistido ao desenho”* (Diário de campo da 2ª inserção). Assim, compreende-se que a convocação

primeira foi a do ouvir. Frente a isso, AmatuZZi (1990) traz que o ato de ouvir mais que observar, refere-se a estar em relação no aqui, a se conectar ao outro em uma dinâmica relacional de gestação do sentido.

Para compreensão dos sentidos era necessário acompanhar como o movimento da juventude se dava. Contudo, percebeu-se que para acessá-los era necessário despojar-se e mais que observar seus movimentos, movimentar-se com eles, como exemplifica o depoimento abaixo:

Enquanto uns jogavam futebol, outros estavam a ensinar e/ou aprender crochê. Afinal, eles quem decidem o que querem para os encontros. E eu estava ali enquanto estagiária de psicologia, mas o que aquilo tinha a ver com o fazer psicológico? Como deveria ser minha atuação naquele dia? Na verdade essas perguntas me importunavam a todo o momento nesse território. Desisti de ficar pensando e segui a tal sensibilidade, fui fazer o que o coração convocava, tirei as sandálias e fui jogar futebol com eles. O resultado, vários calos nos pés devido a terra quente e as pedras. Fiquei pesando porque não havia levado uma chuteira, mas dei-me conta que precisava ter tido a experiência com eles como eles, pisando descalço na terra. O peso antes sentido começava a dar lugar a integração. Integração entre os dois grupos de jovens. Integração entre eu e eles. (Diário de campo da 4ª inserção).

Percebe-se que nesse contexto a via de acesso não foi a técnica, mas o encontro. A integração sentida é resultado desse encontro entre o eu pessoa, o eu psicóloga e o eu pesquisadora. Mendes et al. (2016) trazem o encontro como uma via construída de afetos que permite expandir a potência do agir. AmatuZZi (2008) também reforça que até mesmo o psicólogo em sua prática profissional “se não for pessoa, antes de qualquer coisa, nada de verdadeiro e profundo lhe ocorrerá” (p. 135). E foi a partir desse encontro que o desafio da imersão em um campo desconhecido começou a se transformar em possibilidades significativas de inter-relações com o outro.

Frente a isso, compreende-se que o psicólogo em sua prática deve superar as indagações meramente técnicas do onde ou como se está realizando algo e voltar-se para as preocupações em torno do a partir de quem e em benefício de quem ele está atuando, de forma a refletir quais as consequências históricas de sua atuação (Martín-Baró, 1996).

O primeiro elemento em encontro na inserção foi a violência e ameaças ao território. O que já me dizia de em que lugar estava pisando. Um cenário de adversidades que reflete o contexto nacional de vulnerabilidades dos povos e comunidades tradicionais e que precisa ser considerado na constituição dos processos da juventude local, pois atravessa sua história, seu passado e seu presente, como evidenciado no trecho a seguir:

Na sede da associação de Fundo de Pasto do território, construída no espaço onde antes se reuniam para defenderem-se e vigiarem das ações dos pistoleiros, a assembleia mensal estava em festa devido a suspensão de decisão judicial de julho de 2016 que transferia posse do território a dois empresários, determinando o despejo de quase de 400 famílias do território. (Diário de campo da 1ª inserção).

As ameaças aos povos tradicionais perpassam também essa comunidade, refletindo sobre a juventude. Uma jovem presentifica essas ameaças dentro do processo de participação de reuniões: *“De vez em quando a gente vai, tem gente da comunidade que fazem medo para a gente não ir. Da gente está lá e chegar os grileiros, mas eu não tenho medo, porque se a gente tá ali junto.” (J1, Diário de campo da 6ª inserção).* Embora a fala expresse o cerceamento de parte da própria comunidade diante do temor, também diz de um agir apesar do contexto de ameaças.

Frankl (2015) trazendo sobre a liberdade da vontade, coloca que independente das circunstâncias em que se encontra, é possível a pessoa responder potencialmente e plenamente na vida, pois a liberdade não se refere a ilimitadas possibilidades, mas sim a um posicionamento existencial diante das condições apresentadas. Assim, mesmo em situações de opressões é possível o desvelamento potencial dos sentidos. Contudo, entende-se que para compreensão do movimento dos jovens na comunidade e acesso ao processo de construção de sentidos é preciso considerar suas múltiplas dimensões, individuais, históricas e sociais.

Verifica-se também a convocação de uma prática psicológica que possa atuar sobre os processos subjetivos que alicerçam e propiciam a perpetuação das opressões, contribuindo para a construção de uma sociedade em que o bem individual de poucos não se faça sobre um mal de uma maioria, que para os privilégios de alguns outros tantos não sejam subjugados a condições de vida desfavorecidas, que os interesses de alguns não determine a desumanização de todos (Martín-Baró, 1996).

Já os primeiros movimentos dos jovens captados na imersão foram o do não movimento. É certo, que havia um *a priori* por parte da estagiária/pesquisadora de que os jovens da comunidade eram pouco participativos, devido a demanda trazida pela comunidade, mas quando o silêncio da fala e, principalmente, do corpo veio, inquietou e provocou a atenção, como denota o trecho a seguir:

Já era de se esperar que talvez não falassem muito. Era o primeiro encontro. Então, já tinha planejado o uso de jogos de aquecimento e dinâmicas quebra-gelo, uma vez que juventude gosta de animação. Me ensinaram que a ludicidade favorece a via de acesso, mas aqui não foi. (Diário de campo do 2ª inserção).

Entre os elementos que surgiram no vivido, o desvelamento do silêncio e de seu sentido foi o que mais nos provocou. Nessa perspectiva, para compreendê-lo é necessário ouvi-lo na sua busca por romper-se, o que se constrói a partir da abertura (Amatuzzi, 2008). Aos poucos o silêncio foi revelando suas dimensões e possibilitando a descoberta de valores naquele contexto. Sua manifestação pode ser compreendida por meio de uma tríade: “o silêncio que oculta expressão”; “a fala que silencia” e; “a expressão que rompe o silêncio”.

O primeiro aspecto da tríade “o silêncio que oculta expressão” trazia o que estava na superfície das compressões. Buscando com os próprios jovens sobre tal entendimento, eles apontaram o sentido do silêncio envolto na timidez, nas dificuldades de expressão decorrente de poucos estímulos, como exemplifica a fala: *“Tem vergonha de falar em público. Às vezes também a própria educação. Foi criado ali sem sair para lugar nenhum. Começa a sair já depois dos 10, 12 anos. Se sentem mais tímidos a falar em público.”* (J2, Diário de campo da 5ª inserção). Contudo, o silêncio enquanto consequência de um processo local não dava conta de dizer tudo que ele significava naquele espaço.

Percebeu-se também que o silêncio não dizia de uma não implicação por parte dos jovens no processo: *“Uma coisa, porém, me chamava atenção, embora silenciosos, não estavam dispersos, estavam concentrados e atentos no aqui e agora.”* (Diário de campo da 2ª inserção). Os jovens se envolviam, mesmo nem sempre participando da vivência da forma como era esperado pela estagiária/pesquisadora. Aqui mais uma vez as expectativas chegam como barreiras para o encontro. Eis, a necessidade e o desafio de livra-nos dos *a priori* nesse tipo de atuação e pesquisa, pois como trazem Mendes et al. (2016) não há espaço para o acontecimento emergir onde há pressupostos ou elementos prévios.

No segundo aspecto da tríade “a fala que silencia”, emergem os sentidos relacionados às questões sociais do silêncio. Os jovens em vários momentos demonstraram o desejo de protagonismo, bem como tiveram atitudes de protagonismo, no entanto foram tolhidos na realização das atividades: *“Os jovens expressaram a frustração por terem planejado dois eventos (São João e Feira Agroecológica) que não se realizaram por condições alheias ao desejo e decisão deles.”* (Diário de campo da 6ª inserção).

Os jovens também sinalizaram ausência de apoio e incentivo de alguns adultos na comunidade, exigindo deles responsabilidades, mas desconsiderando seus interesses: *“Uns apoiam, outros não. A maioria acha que futebol, uma festa não é agradável para jovens. Acha que os jovens precisam só participar das reuniões e os jovens de hoje não quer só isso.”* (J3, Diário de campo da 5ª inserção). Diante do apresentado, percebe-se um silenciamento do que faz sentido para aquela juventude, dos modos de vida do ser jovem, sendo que não é

necessário que entretenimento e organização se deem de forma dissociada. Verifica-se a dinâmica da cultura do silêncio atravessando a comunidade, o que gera, como traz Freire (2007) um distanciamento do indivíduo diante dos processos, o impede de encontrar o sentido e envolver-se coletivamente e criticamente com a história. Nesse aspecto, Frankl (2005) ressalta que o fundamental é considerar qual das necessidades tem sentido para o indivíduo e não fazer juízo de valor do que deve ou não ter sentido para ele.

Outro elemento fundamental identificado, é que os espaços voltados para questões subjetivas eram os mais silenciosos, quando era para falarem sobre algo objetivo, o modo de vida deles (produção, cultura, crenças) eles expressavam mais do que nas dinâmicas voltadas para autoconhecimento e reflexões de projetos de vida, como se evidencia no trecho em seguida: *“Houve um momento de dinâmica e reflexão sobre ‘quem sou eu’ e seus projetos de vida, ou pelo menos tentou-se. Contudo, não foi a dificuldade de expressão que mais me incomodou naquele momento, mas as folhas em branco.”* (Diário de campo da 2ª inserção).

Compreende-se que tal movimento de maior silenciamento da capacidade reflexiva sobre questões subjetivas não se dá por acaso numa sociedade estruturada pela cultura do silêncio, pois, como defende Freire (1998) é por meio da reflexão que se promove a transformação da realidade, ou ainda como traz Amatuzzi (2006), aumentar a consciência é envolver-se criticamente com a realidade. Nesse sentido, verifica-se que é fundamental considerar as dimensões subjetivas para a transformação do sujeito e de seu contexto.

Se por um lado, o movimento dizia de silenciamentos, por outro apontava também “a expressão que rompe o silêncio”, terceiro aspecto da tríade, como exemplifica o trecho:

Foi um dia de muita participação. Trabalhamos em grupo sobre a história e identidade cultural da comunidade. Divididos em grupo, trouxeram sobre os modos de vida da comunidade, agricultura, apicultura, pesca, criação de animais, artesanato; sobre as festividades, Festa da Mandioca, Festa do Interior, São Gonçalo, novenas, vaquejadas, Samba de Véio e quadrilha. Teve apresentação de quadrilha preparada na hora, poema e ciranda. (Diário de campo da 3ª inserção).

Dessa forma, percebe-se o que constitui sentido para eles: sua cultura, seus modos de vida, sua história. E são esses sentidos que os direcionam a se conectarem com seu lugar e com a comunidade, como trazem os trechos a seguir: *“Todos os jovens apontaram que desejam continuar permanecendo na comunidade, sendo trazido: ‘Não acho lugar melhor’ (J4); ‘Privilegiado’ (J5); ‘bom’ (J6, J7, J8, J9)”* (Diário de campo da 3ª inserção); *“‘aqui é mais assossegado’ (J4); ‘Outro lugar só a passeio’ (J5)”* (Diário de campo do 6ª inserção).

Verifica-se que embora em um contexto de adversidades, os jovens demonstram um sentimento de pertencimento ao local. O desejo de permanência no território vai de encontro a um movimento recente da juventude rural, observado por Castro (2016). Percebe-se uma forte ligação com o lugar em que vivem e com seus modos de vida.

Nessa compreensão, o próprio processo organizativo é constituído de sentidos a partir da relação com suas identidades: *“A maioria dos presentes afirmou o interesse de se constituírem um grupo de jovens fixo”* (Diário de campo da 2ª inserção). Embora a formação do grupo fosse uma demanda inicial de líderes da comunidade, ele se constituiu a partir do encontro de sentidos para os próprios jovens. E é desse encontro de sentidos que se promove a potencialização da organização popular, pois como expõe Frankl (2013), é no processo de reflexão de sentidos que se possibilita a tomada de consciência.

Observaram-se também mudanças e contribuições da participação no grupo como estratégia de promoção do protagonismo da juventude, bem como de envolvimento dos jovens nos espaços de organização popular, sendo que os próprios jovens refletem essas mudanças e contribuições: *“Eu mesma quando comecei no grupo de jovens não conversava com ninguém, era calada e agora eu já falo nas reuniões. Para mim tem crescido muito.”* (J1, Diário de campo da 6ª inserção).

Uma roda de conversa, uma oficina de crochê ou jogar futebol não eram apenas atividades em si, mas iam contribuindo para o compartilhar dos saberes e fortalecimento do protagonismo juvenil na divisão de responsabilidades e envolvimento dos jovens. Amatuzzi (2008) alerta para a importância do envolvimento e não apenas da participação nos processos, uma vez que sem envolvimento o processo irá se configurar como meras sequências de acontecimentos materiais, a partir dos quais se constituirão vítimas e não agentes.

Compreende-se que o processo de organização popular possibilita a aproximação das pessoas, fortalecem os grupos e suas lutas em torno do território. Para isso, contudo, o processo precisa considerar a intersecção entre as questões objetivas e subjetivas. Assim, a reflexão dos sentidos que envolvem o sujeito é como traz Frankl (2013) também processo de tomada de consciência de si, movimentando-o, como traz Freire (1998) em direção a libertação das opressões que o cercam, possibilitando assim a transformação de sua realidade

O sentido de participação dos jovens nos encontros assentava-se em interesses por adquirir conhecimento e informações, mas também por ser ali um espaço de encontro com outros jovens, o que demarca o próprio nome escolhido por eles para o grupo *“União Jovem”* (Diário de campo da segunda inserção). Sentidos e perspectivas fortemente direcionados a um sentimento de coletividade. Uma vivência, reflexo de um movimento que também está

fortemente presente na comunidade. Um jeito de ser no sertão, lema das comunidades de Fundo de Pasto, que tem uma forma de relação com terra, com a natureza e com outro, baseada no respeito, alteridade e cuidado.

Assim, aos poucos, foi sendo compreendido que as ameaças ao território não significavam apenas um conflito de interesses materiais, mas também ameaças a um modo de vida, um modo de ser no mundo que não cabe no modo-de-ser-de-trabalho da sociedade em que vivemos. Enquanto o modo-de-ser-trabalho estabelece uma relação utilitarista das coisas, de domínio e servidão a interesses próprios, o modo-de-ser-cuidado promove a atitude fundamental de valoração e conexão com o todo pelo sentido inerente às coisas, promovendo a alteridade, reciprocidade e complementariedade (Boff, 2011).

Por fim, na última inserção foi escutado o que já vinha sendo dito por aquela juventude, mas sem ser compreendido e que sintetiza os valores da experiência de organização popular e quem sabe de ser jovem naquele contexto. A expressão que rompeu com o silêncio da compreensão dos sentidos:

E o encontro terminou com a música que mais costumam cantar. Ainda questionaram se seria aquela mesmo, mas os jovens enfáticos afirmaram que sim. Talvez ela expresse aquilo que o verbal não estivesse dando conta de dizer: “Deixa-me ser jovem, não me impeça de lutar, pois a vida nos convida a uma missão realizar; Deixa-me ser jovem, ser livre pra sonhar, não reprima, não reprove o meu jeito de amar”. (Diário de campo da 7ª inserção).

A música aponta novamente para o movimento de busca de sentidos por via da realização de valores, numa dinâmica apresentada por Frankl (2013) como autotranscendência, que se caracteriza pela capacidade humana de sair de si mesmo para dedicação a uma causa ou projeto, remetendo-se novamente aos valores vivenciais da coletividade e alteridade.

A autotranscendência é o que permite a pessoa envolver-se em projetos significativos, superando a automatização mecânica da vida, sendo que quando ela se direciona e direciona seus projetos para fora de si mesmo é o que lhe possibilita o contato com seu potencial criativo (*Ibid*, 2005).

Nessa perspectiva, o profissional de psicologia uma vez que atua sobre as questões subjetivas, tem a potência de contribuir para a constituição de uma identidade pessoal e coletiva que atenda às necessidades e anseios mais autênticos dos povos (Martín-Baró, 1996).

Amatuzzi (2008) considera que “a única saída para mundo enlouquecido é envolver-nos em experiências comunitárias” (p. 137). O autor ainda traz as experiências coletivas como potenciais de transformação de um mundo envolto em individualismos que constroem a

humanidade (*Ibid*, 2008). Sobre isso, a juventude de Riacho Grande tem muito a ensinar, e a psicologia e o mundo, muito a aprender. A realização do sentido potencial já acontece no movimento vivo e dinâmico do jeito de ser jovem na comunidade. É, contudo, necessário, o reconhecimento e fortalecimento desses potenciais pelos seus contextos, pelos que estão a sua volta, mas principalmente por eles mesmos.

4. Considerações Finais

O trabalho foi de costuras de desafios, provocações e possibilidades. Feitas entre as linhas da subjetividade e das questões sociais que permeiam as condições de vida dos jovens, participantes dessa pesquisa. Nessa perspectiva, fica evidenciado que para compreensão da construção de sentidos de um processo é necessário o olhar sobre o todo e não suas partes.

Assim, quanto ao contexto, mesmo a organização popular surgindo de uma questão objetiva, a necessidade de luta pela defesa do território e de direitos, é da interação dialética entre essas questões objetivas e a subjetividade que os sentidos se desvelam: os valores vivenciais, no forte sentimento de pertencimento com a terra e com a cultura; nos modos de relações com a natureza e com o outro, baseadas no modo-de-ser-cuidado. E na inter-relação entre os sentidos, viu-se emergir a potencialidade, o rompimento do silêncio que escondia a expressão, permitindo uma conexão de autotranscendência entre eles. Existência e resistência de um modo de ser daquela juventude que fala de autenticidade num mundo tão inautêntico.

Não se teve a pretensão de apresentar um desvelamento conclusivo dos sentidos, estes nunca se esgotam, mas sim apontar o movimento marcado pelo desafio, que se pode dizer, cumpriu seu sentido, uma vez que a experiência foi significativa para os envolvidos, mostrando que não é só possível fazer pesquisa com afetação, como também é potente, pois permite o encontro e no encontro, a transformação. E foi no encontro com os modos de vida e organização comunitária da juventude que se transformou a dinâmica de envolvimento e participação comunitária dos próprios jovens, e se transformou também, os modos de olhar, pensar e atuar da estagiária/pesquisadora.

Nesse processo, cabem as reflexões para o lugar de quem se dispunha a pesquisar/intervir nessa realidade. Visto que os povos e comunidades tradicionais enfrentam atualmente uma das piores investidas do capital, uma perpetuação das práticas colonizadoras de extermínio dos seus modos de vida e identidade, cabe também a psicologia descortinar e refletir sobre tais fenômenos na sociedade, através de uma atuação que problematize e questione a realidade, tornando os mecanismos de opressão visíveis à sociedade.

Voltando-se para, talvez, a maior provocação desse trabalho, fica a atualização da convocação de Martín-Baró (1996), de pensar e construir uma psicologia na insubordinação da ordem estabelecida, no combate das práticas opressivas que perpassam a construção sócio-histórica do povo latino-americano, questionando as desigualdades e injustiças sociais que violentam as subjetividades. Assim, colocar o saber da psicologia a serviço dos povos, uma psicologia latino-americana a serviço dos povos latino-americanos; uma psicologia brasileira a serviço do povo brasileiro, uma psicologia nordestina a serviço do povo nordestino e uma psicologia sertaneja a serviço do povo sertanejo.

Fica também o desafio de concretizar as implicações práticas dessa investigação/intervenção: contemplar a integralidade das dimensões da juventude dentro do processo de organização popular, olhar também para a dimensão subjetiva desses jovens dentro do processo, suas necessidades e anseios individuais e coletivos; para além de espaços de formação política, potencializar os espaços de autoconhecimento e reflexão de si, pois o processo de conscientização é um processo de descortinamento de sentidos que provoca a compreensão e implicação crítica consigo mesmo e com sua realidade.

Referências

Almeida, AWB. (2008). *Terras de Quilombos, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. (2ª ed.). Manaus: PPGSCA-UFAM.

Amatuzzi, MM. (1990). O que é ouvir. *Estudos de psicologia*, 7(2), 86-97.

Amatuzzi, MM. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia*, 13(1), 5-10.

Amatuzzi, MM. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, 10, 93-97.

Amatuzzi, MM. (2008). *Por uma psicologia humana*. (2ª ed.). Campinas: Editora Alínea.

Boff, L. (2011). *Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra*. (20ª ed.) Petrópolis: Vozes.

Borba, MFA & Vinha, JFSC. (2015). Juventude Camponesa e a sua organização social e política: O território como categoria analítica. In Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. *Trabalhos do Encontro Nacional da Anpge*, Presidente Prudente: Autor.

Brasil. (2001). *Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais*. Diário Oficial, Brasília, DF, 26 jun. 2001. Art 3º. Inciso I.

Castro, EG. (2009). Juventude rural no Brasil: Processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y juventud*, 7(1).

Castro, EG. (2016). Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: A primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. *Política & Trabalho*, (45).

Cavalcante, TG & Aquino, TAA. (2010). Sentido de vida na educação: um estudo comparativo entre Freire e Frankl. In Aquino, T. A. A, Damásio, B. F., & Silva, J. P. (orgs), *Logoterapia & Educação: fundamentos e práticas*. (pp. 53-78). São Paulo: Paulus.

Comissão de Pastoral da Terra (2009). *Conflitos no Campo – Brasil 2009*. Goiânia: CPT.

Comissão de Pastoral da Terra (2016). *Conflitos no Campo – Brasil 2016*. Goiânia: CPT.

Comissão de Pastoral da Terra (2017). *Conflitos no Campo – Brasil 2017*. Goiânia: CPT.

Fernandes, F. M. B., & Moreira, M. R. (2013). Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. *Physis-Revista de Saúde Coletiva*, 23(2).

Frankl, EV. (1985). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.

Frankl, EV. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*, 11.ed. Aparecida: Santuário SP.

Frankl, EV. (2013). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia*. (2.ed.) São Paulo: Paulus.

Frankl, EV. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações.

Freire, P. (1998). *Pedagogia do oprimido: saberes necessários à prática educativa*. (8ª ed.) São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2007). *Ação cultural para a liberdade: e outros escritos*. (12ª ed.) São Paulo: Paz e Terra.

Freitas, MFQ. (2007). Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: Práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: Campos, R. H.F. (org), *Psicologia social comunitária: da alteridade à autonomia* (pp. 54-80). (13.ed). Rio de Janeiro: Petrópolis.

Goffmam, R. (org). (2013). In: Conselho Federal de Psicologia. *Referências técnicas para atuação das(os) psicólogas(os) em questões relativas a terra*. Brasília: CFP.

Marques, LS. (2016). As comunidades de fundo de pasto e o processo de formação de terras de uso comum no semiárido brasileiro. *Sociedade & Natureza*, 28(3).

Martín-Baró, I. (1996). O papel do psicólogo. *Estudos de psicologia*, 2(1), 7-27.

Mendes, R, Pezzato, LM & Sacardo, DP. (2016). Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(6), 1737-1746.

Peloso, R. (2012). *Trabalho de base*. São Paulo: Expressão Popular.

Pereira, AS, Shitsuka, DM, Parreira, FJ & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Pesce, L & Abreu, CBM. (2013). Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade*, 22(40).

Rabello, D, Oliveira, LB & Feliciano, CA. (2014). Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. *Revista Pegada*, 15(1).

Rey, FG. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, (24), 155-179.

Rocha, RVS & Santos, LA. (2015). Psicologia e promoção da saúde: fortalecimento dos direitos humanos em comunidades tradicionais. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2 (nº especial).

Souza, CA. (2006). Processo de organização popular: a luta da comunidade do bairro “prolongamento do Jardim Santa Bárbara” pela efetivação de direitos. *Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC*. Florianópolis, 2016.

SEPROMI. (2019). Diário Oficial do Estado da Bahia, 2017 – 2018. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial- SEPROMI.

Wedig, JC. (2016) Organização política e luta pela diferença: ações coletivas da rede puxirão de povos e comunidades tradicionais. *Revista do Centro de estudos Rurais*, 10 (1).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Sonha Maria Coelho de Aquino – 60%

Erika Hofling Epiphanyo – 40%